

TRABALHADORES SUL-AFRICANOS SOLIDÁRIOS COM MOÇAMBIQUE

• Sindicatos anunciam defesa dos direitos dos trabalhadores moçambicanos

Os sindicatos sul-africanos COSATU e NUM anunciaram que irão agir em defesa dos interesses dos milhares de trabalhadores moçambicanos, no caso de o regime do "apartheid" pôr em prática as medidas retaliatórias contra Moçambique. Em entrevista à emissora britânica BBC, um porta-voz do COSATU, o maior sindicato do país, afirmou que as medidas de Pretória contra os moçambicanos são um ataque a toda a classe trabalhadora sul-africana.

«Consideramos os mineiros moçambicanos como parte integrante da nossa classe operária» — disse aquele porta-voz do COSATU à BBC, acrescentando que os trabalhadores sul-africanos são solidários com os emigrantes. As posições do

O COSATU é o maior sindicato sul-africano, com cerca de 500 mil filiados, a esmagadora maioria negra. O NUM é o sindicato dos mineiros negros da África do Sul.

De acordo com informações divulgadas, o COSATU tinha advertido que quaisquer represálias contra Moçambique poderiam originar uma greve geral dos mineiros negros na África do Sul.

Frank Meintjies, porta-voz daquele sindicato, depois de mencionar que a sua organização irá também estudar outras formas de luta em outros sectores industriais, afirmou:

— Qualquer tentativa para interferir com os direitos dos moçambicanos ou outros trabalhadores estrangeiros resultará numa forte reacção do movimento laboral. Dissemos antes que acções como esta podem resultar numa greve total dos mineiros e consideraremos agora essa opção.

Aquele porta-voz classificou a decisão do Governo sul-africano como pífia e infantil e contra a qual todos os trabalhadores devem protestar. Disse que vamos ponderar a opção da greve geral.

A declaração do ANC da África do Sul diz que o movimento de libertação reafirma a sua solidariedade com a FRELIMO, o Governo e o Povo de Moçambique, apelando a todo o movimento democrático sul-africano e a todo o Povo sul-africano para se unirem em torno da defesa dos interesses dos povos da África Austral.

— Consciente de que não poderá haver paz e segurança na África Austral até que o sistema do "apartheid" seja destruído, intensificaremos a nossa ofensiva até que o regime de Pretória seja deposto — afirma o ANC.

A declaração do ANC afirma que

COSATU e do NUM foram saudadas pelo ANC da África do Sul.

Um porta-voz do NUM declarou que a acção é puramente parte de uma tentativa para defender o "apartheid" no limiar de uma concertada pressão internacional contra o regime e que ela não é nenhuma solução para a questão sul-africana e da paz no subcontinente.

O regime racista de Pretória anunciou a proibição do recrutamento de trabalhadores moçambicanos para as minas de ouro e carvão na África do Sul, ao mesmo tempo que proferiu ameaças de agressões militares directas contra o nosso País. Por outro lado, desencadeou uma intensa campanha difamatória contra Moçambique.

Para o ANC, as fabricações do regime de Pretória, segundo as quais o "Umkonto We Sizwe" está a lançar a partir da Moçambique operações militares no interior da África do Sul, apenas servem de desculpa por parte dos governantes sul-africanos, que nunca deixaram de apoiar os bandidos armados em Moçambique.

HISTERIA «BOER»

A histeria do regime do "apartheid" contra Moçambique está a

crescer gradualmente, com a utilização de falsas acusações. A Rádio sul-africana disse ontem que o nosso País está a dar guarda a guerrilheiros do ANC e que está a promover uma «revolução de inspiração moscovita» na África do Sul.

A campanha foi iniciada na terça-feira pelo Ministro da Defesa do regime, Magnus Malan, segundo o qual o nosso País estaria envolvido na explosão de uma mina na fronteira sul-africana, ferindo seis militares das Forças de Defesa.

Afirmações idênticas foram feitas pelo Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros do regime, Ron Millar, acrescentadas de uma ameaça implícita de que a África do Sul irá lançar ataques directos contra Moçambique.

Ao mesmo tempo, Pretória anunciou a proibição do recrutamento de trabalhadores de Moçambique e que os trabalhadores cujas autorizações ainda são válidas, serão autorizados a completar o seu período de serviço, depois do que terão de regressar a Moçambique e não serão autorizados a reentrar.

A suspensão do recrutamento de trabalhadores do nosso País para as minas da África do Sul poderá resultar numa quebra de receita para Moçambique avaliada em cerca de 220 milhões de randes por ano. Richard Japp, gerente da «Wanela», em Maputo, declarou a jornalistas que até 31 de Julho último havia nas 31 minas de ouro e de carvão da África do Sul um total de 61 500 trabalhadores. Japp mostrou-se surpreendido com a medida do regime sul-africano.

Uma fonte da Secretaria de Estado do Trabalho do nosso País disse que 600 moçambicanos seguiram quarta-feira para as minas sul-africanas, depois de Pretória ter anunciado a

decisão de suspender o seu recrutamento.

Aquele fonte disse que não somente Moçambique irá sofrer consequências com a decisão, mas também a própria África do Sul, uma vez que tudo o que a África do Sul é hoje deve-o aos mineiros, principalmente os moçambicanos.

CHANTAGEM

O Director do Centro de Estudos Africanos, Aquino da Bragança, falando a jornalistas, em Maputo, disse que a decisão de Pretória é uma chantagem sempre utilizada pelo regime quando lhe convém.

Aquino da Bragança acrescentou que Magnus Malan não tem palavra e que o regime de Pretória, agora que está desesperado em virtude da revolta interna quer desviar as atenções internacionais para Moçambique. Adiantou que o Governo moçambicano cumpre rigorosamente o Acordo de Nkomati e que não permite que, do seu território, com o seu conhecimento, sejam no país vizinho homens, entrej os quais forem, portadores de armas ou minas.

— Já o mesmo não acontece com Pretória que, depois do acordo, tem enviado oficiais e até membros do Governo para território moçambicano em apoio aos bandidos armados — adiantou Aquino de Bragança.

Por seu turno, um porta-voz da Embaixada britânica, em Maputo, afirmou que as ameaças em causa são muito preocupantes. Foi indicado que o Embaixador britânico, James Nicollas Allan, partiu quarta-feira de Maputo para Pretória, a fim de desenvolver esforços junto do seu colega, acreditado na África do Sul, para tentar impedir a escalada de ameaças contra Moçambique.

Anteriormente, o Embaixador dos Estados Unidos, em Maputo, Peter Jon de Vos, havia afirmado que o Governo norte-americano deplora qualquer tipo de ameaça e obviamente rejane todo o tipo de ameaça contra os países da Linha da Frente.

O Embaixador de Portugal, em Maputo, Paulouro das Neves, disse que Moçambique pode contar com a solidariedade portuguesa e acrescentou que, à luz do direito e da ética internacionais, são inaceitáveis e condenáveis quaisquer medidas de retaliação como as que foram noticiadas.



Mineiros moçambicanos na fronteira de Ressano Garcia, momentos depois do seu regresso da África do Sul. (Foto do Arquivo)